

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA ORACA, Limit.ª

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Cá e lá



O espanhol, lendo o Seculo :
 —Caramba! quantos petardos em Lisboa!
 O português, lendo El-Sol :
 —Arre! quantos petardissimos em Barcelona!



PALESTRA AMENA

Tratar com crianças

Lemos a noticia de ter aparecido em Nova York um livro, assinado pela professora da Universidade da California, R. D. Cather, que trata das historias para creanças: quais as que se devem contar ás crianças, segundo a idade, o geito de as contar, etc. de modo que tal literatura não seja inutil, ou mesmo prejudicial aos pequenos seres a quem é destinada.

Aquela gente da America do Norte é extraordinaria! Pois não se entretém uma professora de Universidade com bagatelas como estas? Ocupasse essa senhora uma cathedra europeia — portugueza, por exemplo — e veria como o ridiculo a inutilitaria, se exercesse a sua actividade tão infantilmente!

E depois, que diabo viria ensinar-nos a tal Cather, que nós não estejamos fartos de saber? Quem ignora que o *Conto da Carochinha* é o mais proprio para entreter as crianças, já pelos episodios imaginativos, já pelo seu fim educativo, qual é o de avisar as crianças que não devem brincar junto da ohaminé, quando se esteja a fazer o jantar, porquanto foi por se ter aproximado demasiadamente do caldeirão que lá morreu cosido o João Ração?

E se julga que por cá não sabemos ilustrar as crianças, também está redondamente enganada.

D'um pai sabemos nós que a uma filhinha de seis anos ensinou, para ela recitar como prenda, deante dos estranhos, em que consistia a precessão dos equinoxios...

Vejamos o que diz a tal magica, segundo o escritor que extratou:

«A criança dos tres aos seis anos aproximadamente interessam-lhe as coisas familiares conhecidas mais do que imaginadas: o pai, a mãe, os cães, os gatos, as galinhas, as vacas, etc. Gostam muito n'essa idade da imitação dos gritos e sons das vozes dos animais...»

Estão os senhores a ver uma professora de Universidade portugueza a cacarejar, a grunhir, a zurrar, etc. Já se viu desconchavo maior, indignidade mais acentuada?

«Quando as crianças começam a perder o interesse pelos contos que se referem ás coisas que as rodeiam, entram n'um mundo de ficção e de imaginação, n'um periodo no qual lhe é grato ouvir aquilo que está mais longe das suas visões: é a epoca que corresponde á narração primitiva das raças...»

Não ponha mais na carta, Quer *miss* Cather que aos sete anos se conte aos petizes a historia da maçã da mãe Eva e do pae Adão. Havia de dar bonitos resultados!

Entre os oito e os doze anos quer a professora que se contem aos garotos e garotas biografias dos grandes ho-

mens de acção, Cristovão Colombo, Pizarro, Nelson, Napoleão, etc.

Mas então não serão preferiveis os heroes nacionais? A uma criança da nossa terra não são mais para contar as proezas do João Brandão, ou dos heroes actuais, que não citamos, pelo embaraço da escolha?

Segue-se, para a *miss* o periodo romantico: exige que ás crianças de treze anos se narrem as Cruzadas... Mas, ó senhora Cather! aos treze anos, entre nós começa-se a namorar — não ha tempo para ouvir historias: lê-se o *Secretario dos amantes*, os meninos intrometem-se com as raparigas que passam e as meninas vão para a janela, á espera que as catrapisquem...

Conclusão: estamos por cá muito mais adeantados do que na America e não é de aconselhar que se preencha o espaço dos jornais com a transcriçã d'estas ninharias, quando tão momentosos assuntos reclamam a nossa atenção, como sejam as sub-divisões do partido democratico, as birras dos grupos liberais e outras questões de igual magnitude...

J. Neutral.

Os dois tipos

Isto, também, não pode ir de afogadilho. As pessoas sensatas querem um só tipo de pão, mas a moagem não quer e está claro que não é d'um momento para o outro que se dá um desgosto tamanho a entidades tão habituadas a mimos como é a dita moagem. Devagar se vai ao longe, mas com tempo.

Vamos ter agora dois tipos de pão, um d'elles com 250 gramas de ratos, baratas, caixas de tremoços, etc. é o pão ordinario—e o outro apenas com 50 por cento d'estas mercadorias—é o pão de luxo.

Seguir-se-ha novo diagrama (que palavra tão linda!) ou seja peso menor de



porcaria no pão ordinario e maior no de luxo. Terceira fase: o pão ordinario quasi isento de porcarias e o de luxo quasi saturado d'elas. Quarta fase: o pão unico—quicá todo de porcaria! —Mas n'esse caso, observará o leitor incauto, sempre o pão de 2.^a ordem vai melhorando em qualidade.

Não, menino. A diminuição de porcaria, a que nos referimos, corresponde á diminuição de peso: quando o pão ordinario tiver apenas 50 gramas de ratos, carochas, cascas de tremoços, etc. não quer dizer que tenha o resto de trigo, porque o seu peso total será precisamente de 50 gramas.

Atraz dos dois tipos virá quem bons os fará.

Barateamento

Os ultimos decretos sobre o barateamento dos generos alimenticios produziram imediatamente um efeito benefico—qual foi o de se venderem os ditos generos pelo preço da tabela official, e os restantes pelo dobro do que até aqui se pedia por eles. Exemplificando: uma pessoa vai a uma mercearia, com tenção de comprar meio quilo de manteiga.

—Quanto é? pergunta.

O mercieiro:

—Um quartinho: é o preço da tabela.

—Dê cá.

—Mas é preciso que compre qualquer outra coisa no valór de cinco mil réis...

E o freguez, para economisar na manteiga, não tem remedio senão desperdiçar no chouriço ou n'outro qualquer ingrediente de que não precisa.

Lembram-se d'aquella historia da viuva, que contámos ha muitos anos, em verso? Ela aí vai, agora em prosa, para variar.

Morreu um camponio e deixou em testamento á viuva um porco e um coelho, com a recommendação de vender os dois animais no mercado da vila proxima.

—O dinheiro que te derem pelo porco, ordenou, é para mandares dizer missas pelo meu eterno descanso; o que te derem pelo coelho é para ti.

Fechou os olhos, e foi andando d'esta para melhor, na convicção de que pouco tempo se demoraria em Purgatorio, porque o porco era gordo e não dava para menos de duzentas missas, quantidade suficiente para lhe resgatar os pecados que tinha cometido n'este vale de lagrimas.

A esposa enxugou as lagrimas e no primeiro domingo dirigiu-se á vila, levando o coelho dentro d'uma cesta e o porco a pé, gulosamente conduzido por algum milho que a dona ia espalhando pela estrada.

Instalou-se na feira e esperou os compradores, que não faltaram, em vista do belo aspecto do suino.

—Quanto custa o porco, tiasinha? perguntavam.

—Cinco tostões!

Pasmo justificado. Mas logo a manhosa viuva acrescentava:

—Não se vende senão juntamente com o coelho.

—E quanto custa o coelho?

—Cem mil réis!

Novo pasmo, também justificado, mas como o porco valia na realidade os cem mil réis o negocio realisou-se dentro em pouco.

No dia seguinte a viuva cumpria religiosamente a vontade do esposo, entregando ao prior cinco tostões para missas, e guardava na arca os seus ricos cem mil réis, para o que desse e viesse.

O viuvo ainda a estas horas está no Purgatorio, apesar da historia se ter passado ha bons vinte anos.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa:

Istimo que estas duas régras te in-
contrem de felis çau de i mal á ubrigas-
são ca minha ó fazer desta é bóa gras-
sas a deus i ó sr. Antonio Batista pra-
sidente do menisterio, ámem. Lanzo
mão da pena pra te praticar que nu
tucante a triatos u que mais me deu
nu gotto oltimamente foi uma pessa
italiana xamada in purtuguez *Alma
forte* i lá na Intalia *Titano* cus tardu-
tores nan concervaram purque u noço
público é munto 'stúpido i nan cabe
quem era u tal Titan. Cujo Titan é u
novo ator Alves da Cunha, que isteve
ósente nu Brasil uma data de tempo i
que nan desaprendeu as lisões que cá
arresebeu, antes pello cuntraio. In-
trou na guerra, foi forado pur umas
poucas de ballas, murreramle a mulher
i us filhos mas ainda ficou milhor que
dantes; cando se alevantou da cama
veio cum mais forsa i cum muntos pru-
jetos pra indereitar as coisas lá na In-
talia, que pellos modos nan correm
bem; tem, cumo touda a jente oltima-
mente tinsão de aporveitar as quedas
du Douro i a inrigasão du Alimtejo,
cunfando cum u dinhelro que tem d'um
banco de çusiidade cu conhado Ribe-
iro Lopes. Pois cim mas u ditto Ribe-
iro introu pella jugatina, metteuce cum
mulheres de falar i fez muntas oitras
roubalheiras de maneiras cu Alves da
Cunha case que ia tendo um ataque
apulético, mas nan teve purque ce



alembrou de que é Titan. U que fica é
munto arrependido de ter feito u casa-
mento da mana, qui é a Ara Aberan-
xes, cum u marouto du Ribeiro Lopes
i tão predido de cabessa parrasse que
inté acuncelha a mana a purtarce mal
cum um gajo que ella namuriscava in
colteira. Já ce vê, a mana que é touda
onradezes nan vai nu botte. U Ribeiro
finge que foje pró Brazil mas nu ul-
timo ato volta a casa munto arrependi-
do i resolve ir atirarce ó mar di acor-
do cum u Alves da Cunha cujo este
acaba pur aceitar um imprego nu me-
nisterio du trabalho ó coisa açim, de-
quelarando que nunca foi tão vallente
cumo n'aquelle instante i infectivelmen-
te é prezizo cer munto Titan pra cum

EM FOCO



Actor Alves da Cunha

*Quando eu oiço dizer em ar sombrio
Que tudo em Portugal é decadencia
Investigo o passado com paciencia
E de tal pessimismo desconfio.*

*Já tinha meu avô esse feito,
Tinha meu bisavô essa demencia:
Em rapazes tudo era competencia,
Em velhos tudo mau e com bafio.*

*Pois para confirmarem esse engano,
Se querem acabar com tal descrença
Que em tudo tem causado tanto dano*

*E não passa, afinal, d'uma doença,
Vão ver o Alves da Cunha no «Titano»...
Já se sabe, se as bombas dão licença...*

BELMIRO.

u urdenado çustentar a mana i a ço-
brinha. A tese da pessa é provar cus
atores novos tamem ção capazes de
arrepresentar bem i que moressem cer
aplodidos cumo foram us trez dittos
artistas inclusivelmente uma pequer-
ruxa xamada Marilla tão bem induca-
da á ingueleza que nan faz caso ni-
nhum du pai. Gastei de toudos i istou
arresulvido a levalos nu vrão ó noço
Paulitama ce xigarem ó presso. Cum
isto nan infado mais nem cei cando
esta te xigará ás mões pur cosa da
grevia dus correios mas in toudo u ca-
so mêmo que nan tenhas nutissias mi-
nhas nan te dê cuidado purque erva roi
não a cresta a jiada. Inté cando deus
quixer arresebe çódosas alimbransas
du teu isposou ósente i ubrigado

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Opiniões sobre o vestuario

Sugestionados por aquela sabia opi-
nião da illustre atriz Palmira Bastos
sobre os vestuarios baratos—cumo de-
vem ter lido, opinou por as senhoras
se vestirem com lenços de Alcobça—
resolvemos intrevistar sobre o assun-
to outra atriz igualmente categorisa-
da, para sabermos em que havemos de
ficar.

Tratando-se de fatos economicos,
é claro que estava indicada, em pri-
meiro logar, Angela Pinto.

—Já sei o que queres, disse-nos ela,

recebendo-nos com a mais requintada
amabilidade.

—Saber se já pensaste como as se-
nhoras possam vestir barato.

—Pensei. O que se quer é fazenda
nacional, porque a de fóra custa um
dinheirão.

—Então?

—Então, um vestido feito exclusi-
vamente de rendas de Peniche ou de



bordados da ilha da Madeira, está na
conta.

—Simple, não é assim?

—Muito simple; apenas com apli-
cações de ouro e prata...

—Nada de brilhantes, hein?

—No vestido, nem um, porque são
carissimos. O fecho das ligas é que
deve ser de brilhantes, mas coisa ba-
rata.

—De modo que uma *toilette* de se-
nhora nunca deve custar mais de...

—Nunca deve custar mais de dez
contos de reis. E' absolutamente ne-
cessario ser economico...

Confusão natural



A dona da casa, para o recémchegado, que está pobrememente vestido:

— Vossmecê é o pedreiro que eu mandei chamar, não é?

— Não, minha senhora: sou o advogado que v. ex.^a esperava.

— Ah! então o pedreiro?

O janota:

— Sou eu, camarada!